

Não!

# QUANDO AS PAREDES FALAM

UM LIVRO DE  
JEAN-MARCEL



Quando as paredes falam  
Um livro de Jean-Marcel

“É na arte que o homem se ultrapassa definitivamente.”

Simone de Beauvoir

## SUMÁRIO

**I – ERA UMA VEZ...**

**II – PRINCESA SOLITÁRIA PROCURA...**

**III – NINGUÉM ATACA MEU CASTELO IMPUNEMENTE**

**IV - FORTES EMOÇÕES**

**V - REGRAS SÃO FEITAS PARA SEREM QUEBRADAS!**

**VI - PRÍNCIPES SENTEM MEDO? ERRO!**

**VII - PRINCESAS BOAZINHAS NÃO SE DIVERTEMERRO!**

**VIII - O REINO ESTÁ EM FESTA... #SOQUENAO.**

**IX - MEU PRÍNCIPE VIROU SAPO!**

**X - PEGUEM SUAS ARMAS, A BATALHA SE APROXIMA!**

**XI - O CAMPO DE GUERRA**

**XII - A PRIMEIRA BATALHA**

**XIII - PONDO TUDO A PERDER**

**XIV - SÓ ACABA QUANDO TERMINA...**

**XV - DE VOLTA AO JOGO**

**XVI - O DUELO ERRO!**

**XVII - BATALHA FINAL ERRO!**

**XVIII - EXPLORANDO OUTROS REINOS**

**XIX - QUANDO AS PAREDES FALAM**

**XX - DEPOIS DO “FELIZES PARA SEMPRE”...**

**TERMOS & GÍRIAS**

Não faz muito que o último raio de sol abandonou o centro de Desterro. De office-boys a gerentes, de médicos a advogados, de secretárias a toda sorte de gente que trabalha nos prédios próximos, nenhum deles está ouvindo soar as badaladas dos sinos da catedral, pois há muito trancaram suas gavetas, apagaram a luz de suas salas e partiram para o conforto de suas casas. Trabalhando, só os catadores de latinhas, que nas calçadas reviram com urgência as lixeiras, se antecipando ao caminhão da prefeitura que logo recolherá as sobras da cidade. É tarde para os trabalhadores do dia, mas ainda é cedo para os profissionais da noite: prostitutas, travestis, ladrões, policiais, vigias e porteiros... Nenhum deles surgiu ainda, como fazem invariavelmente todas as noites. E é a essa legião de seres notívagos que os *wall writers* pertencem. Como vampiros, escondem uma segunda personalidade que é revelada somente quando o sol se vai e a cidade é abandonada à própria sorte: se de dia são apenas mais um na multidão, de noite reinam absolutos. Enquanto garotas de programa guardam as esquinas, skatistas se apoderam do asfalto vazio e mendigos ocupam os bancos das praças, eles escalam muros, marquises e fachadas para registrar com tinta seus gritos e preces. Um breve reinado, até que surjam os primeiros raios de sol, restabelecendo a ordem e a hierarquia das coisas.

## I – Era uma vez...

“Bem no alto de uma montanha, acessível somente por uma estrada que serpenteia um denso bosque, está o castelo mais bonito e imponente que jamais se viu. Vistas do vilarejo, suas muralhas são incrivelmente altas, e suas torres pontudas parecem querer tocar o céu. Nelas, tremulam bandeiras de um amarelo intenso...”

“Aff, o amarelo tá com a ponta quebrada”, resmungo em pensamento. Meus dedos reviram o estojo apressadamente em busca de um substituto. Escolho um lápis vermelho.

“As bandeiras, de um vermelho intenso, contrastam com o céu, balançando o símbolo do reino ao sabor do vento...”.

“E a jovem princesa, com seus cabelos curtos...”

“Puts!”, resmungo, diante do lápis que correu demais.

“...E a jovem princesa, com seus cabelos COMPRIDOS...”

Enquanto mentalizo a cena, o grafite risca o papel freneticamente, materializando meu conto de fadas na velocidade do pensamento. Paro um segundo e desfruto do meu castelo, com suas bandeiras tremulando. Consigo sentir as rajadas de vento. “Tá ficando maneiro! Maneiro não... O desenho tá ficando do cacete!”

Rafa me cutuca as costas e sussurra algo que não entendo.

– Só um minuto – peço, sem desviar meu olhar do caderno que deveria conter só explicações e exercícios de matemática.

“E neste reino, onde todos são bons e justos, a linda princesa vive na companhia do seu gato fofo e peludo.” Uso o mesmo lápis vermelho das bandeiras e dos lábios da princesa para vestir a gravata no bichano.

Um forte chute no encosto da minha cadeira me tira do mundo de fantasia.

– aterrissa, garota! – É a Rafa novamente, minha melhor amiga, digo, minha única amiga, sussurrando atrás de mim. – Volta pra terra.

Ergo a cabeça e vejo o professor de matemática, de braços cruzados, me encarando.

– Você pode nos dizer qual é a resposta correta, senhorita Nicole?

“Nick... me chame de Nick!”, penso, enquanto o encaro, mas não ousou corrigi-lo. Não em voz alta. Detesto que me chamem pelo nome. Acho que a culpa é da minha mãe, que só me chama de Nicole para dar bronca ou sermão.

– Temos todo o tempo do mundo. – O professor debocha, provocando risadinhas na sala.

– O.k.! A resposta... – Respiro fundo e tento compreender sozinha e em poucos segundos o que ele explicou durante boa parte da aula. Desesperada, corro os olhos pelas equações e gráficos que cobrem todo o quadro negro. Eu não tenho ideia nem mesmo de em qual tópico da matéria estamos, que dirá da resposta do exercício.

– A resposta correta é...? – Ele insiste, tamborilando um dos pés no chão.

– “A” – Arrisco, certa de que terei, ao menos, vinte e cinco por cento de chance de sucesso.

– Como é que é?

– A resposta certa é a “A” – repito, com voz firme, fingindo convicção.

A turma, na mesma hora, explode numa tremenda gargalhada, enquanto o professor aponta o olhar para o céu, como quem suplica por um novo estoque de paciência.

– “C” – Corrijo, com a voz insegura, o que só faz aumentar as risadas. Agora, até a Rafa está rindo de mim.

– Qual é a graça? – sussurro para trás, irritada com o “fogo amigo”.

A Rafa, tentando segurar o riso, me explica que a questão não era objetiva, mas, sim, de verdadeiro ou falso. E que o professor, ao me ver desenhando, tinha parado a aula há um tempão e desde então todos me observavam em silêncio, esperando eu me tocar e voltar pro mundo dos mortais.

– Que droga! – lamento, cruzando os braços e afundando na cadeira. “Parabéns, Nick!”, eu me felicito em pensamento por não ter ficado calada; afinal, dar bola fora é mesmo a minha especialidade.

O professor pede com gestos que a sala pare de rir. Seu olhar anuncia a bronca e eu me sinto diante do pelotão de fuzilamento. Aposto que vai começar a fase dois do ritual de suprema humilhação: o sermão do aluno descompromissado.

Bléééémmm. Como um gongo salvando um boxeador quase a nocaute, o sinal do recreio soa estridente no corredor. As risadas são substituídas pelo arrastar de cadeiras e carteiras, já que cem por cento da turma têm pressa em chegar à fila da cantina.

A próxima aula será no laboratório de informática; então, começo a recolher meu material, fingindo não dar bola para a zoação, que não tem fim.

– Então, a resposta é “A” – Alguém zomba, ao passar por mim. – “A”, de avoadada. – Outro provoca, gargalhando.

Ignoro o colega. Olho para o meu desenho incompleto, como quem olha para um espelho, e deixo escapar um suspiro profundo, denunciando meu desânimo. “Não tem jeito, acho que o final feliz não é pra todos”, concluo.



– Falta profundidade. – Ouço uma voz masculina e aveludada comentar baixinho por sobre meu ombro.

Num gesto instintivo, fecho o caderno e me viro, a fim de confrontar quem ousara criticar meu desenho. Que falem o que quiserem de mim, mas não dos meus desenhos.

O garoto, autor do comentário, não me dá chance para a réplica, se mistura com os outros alunos e segue o fluxo, com sua mochila no ombro, a caminho da porta.

Apesar de estarmos na mesma turma, eu nem sei o nome dele. Ou, se sei, não lembro. É aluno novo, entrou este ano no colégio, mas mesmo assim eu já devia conhecê-lo melhor; afinal, estamos no meio do semestre. É que tirando o momento diário em que ele responde a chamada ao passar pelo professor, pois sempre chega atrasado, não lembro de ter ouvido sua voz uma única vez. Aposto que é aluno bolsista, pois o nosso colégio é o mais tradicional e caro da cidade e esse moleque não parece pertencer a este mundo. Ele é bem diferente dos outros garotos da sala. Tem um jeito... Como eu posso descrevê-lo? Um jeito "estranho" de se vestir. Isso mesmo, ele é um moleque "estranho": seus tênis são todos ilustrados a caneta esferográfica e suas roupas são anônimas, quer dizer, não tem grife alguma. Desconfio que ele mesmo faça as estampas das suas camisetas. Não que sejam feias, mas é... estranho. E como ele é calado demais, é só o que eu sei a respeito dele. Ainda assim, definitivamente ele não pode ser classificado como tímido. Garotos tímidos andam com os ombros encolhidos e o olhar no chão, como quem conta lajotas. Mas ele não, ele está sempre de queixo erguido, com uma autoconfiança que beira a soberba.

– O que tem de errado no meu desenho? – questiono, num tom acima do normal, para que a pergunta chegue até ele. Como não tenho resposta, insisto, quase gritando: – Ei, o que você quis dizer? – berro, vendo-o distanciar-se cada vez mais.

– Que você precisa melhorar a perspectiva – ele responde, entre sereno e indiferente, sem nem se virar. E some porta afora.

Enfio de qualquer jeito o resto do material na mochila e tento alcançá-lo. Estou bufando de raiva. Primeiro, porque não o autorizei a ver meu desenho. É como se ele tivesse lido meu diário secreto. Uma invasão inaceitável! Depois, porque, não satisfeito em xeretar meu desenho, ele o criticou. E quem é ele para criticar alguma coisa?

Ainda que eu tenha me apressado, quando chego à porta da sala ele já está longe, montado sobre um skate, seguindo pelo corredor num zigue-zague ligeiro, desviando a toda velocidade dos demais alunos.

– Babaca! – Xingo o mais alto que posso, com as mãos formando um megafone diante da boca.

– Olha só – Rafa alerta baixinho, temendo que alguém a escute –, gata, presta atenção! Tem garotos que são só pra serem amigos. Outros, só servem pra ficar de vez em quando. E tem os que são pra namorar.

Eu a olho com surpresa. No momento, a minha vontade é de torcer o pescoço daquele moleque. E ela falando em namorar?!

– O.k., sabichona, e esse espécime está em qual categoria?

– Nenhuma das anteriores – ela diz –, esse não é nem pra chegar perto! – E me escolta até o pátio, só para ter certeza de que eu não arrumaria encrenca.

\* \* \*

São vinte longos minutos de espera na fila da cantina para depois devorar um misto quente em menos de dois minutos.

– Nossa, que fome que eu estava – comento.

Apesar de toda a insistência da minha mãe, saí de casa, como sempre, em completo jejum. Hoje, ela quase suplicou que eu comesse “ao menos um cereal”. Prefiro quando ela briga comigo, porque aí sei o que dizer. Mas quando pede... Aí, tenho de baixar os olhos para não ver sua expressão preocupada, que me corta o coração. Será que só ela não vê que eu preciso reduzir ao menos dois furos no cinto?! A Rafa é outra que diz que estou ficando magra demais, mas ela é do tipo de amiga que fala qualquer coisa para me agradar.

– Vou no banheiro – aviso a Rafa.

– Número um ou número dois? – ela pergunta com risinho debochado.

“Número três”, penso em confessar, mas prefiro olhá-la de alto a baixo e enquadrá-la:

– Isso é mais informação do que você precisa – disparo, já me afastando.

Ela vai para o laboratório, eu sigo direto até o banheiro das meninas.

“Beleza, vazio!”, comemoro ao abrir a porta.

Vou até a última cabina, meu velho refúgio, e tranco a porta. Tenho pressa. Enfio o dedo na goela com vontade. Tento não fazer barulho, mas deixo escapar um ruído abafado.

Depois de dar descarga umas três vezes, destravo a porta com um misto de alívio e culpa. Ao abri-la, deparo-me com meu mais novo desafeto me encarando.

– Ei! – Dou um passo atrás.

Com olhos arregalados, ele parece tão assustado quanto eu, como alguém surpreendido fazendo algo errado.

– Está melhor? – questiona, escondendo algo nas costas. É a primeira vez que o vejo sem jeito.



– Comi algo que não me fez bem. – Minto. – E você, o que tá fazendo aqui?

– Ora, que pergunta indiscreta. O que uma pessoa faz no banheiro?! – ele responde, com um sorriso sem graça. Seus olhos castanhos se voltam para o chão.

– É, mas esse é o banheiro feminino – eu digo, enquanto estico o pescoço, tentando enxergar pelo reflexo do espelho o que ele se esforça para ocultar atrás de si.

– Esse é o feminino? Jura? Caraca, sou mesmo atrapalhado – diz, andando para trás até alcançar a porta.

Ele se vira num gesto rápido e sai, apressado.

Observo a minha imagem no espelho. Abro a torneira. Começo a lavar a boca. A porta do banheiro abre novamente. É ele, que enfia a cabeça para dentro e diz, me olhando diretamente nos olhos:

– Você é gata. Não precisa disso. – E sai, sem me dar chance, pela segunda vez no mesmo dia, de respondê-lo.

Brava é pouco para me descrever bufando e resmungando sozinha. Ele acha que é meu consultor? Não preciso, nem quero sua opinião! Minha vontade é de buscá-lo pelo cabelo, enfiar sua cabeça no bacio e apertar a descarga. Preciso só de meio segundo com ele para lhe dizer que pare de se meter na minha vida. “Aff!”, suspiro, tentando acalmar-me. Contudo, minha raiva contrasta com uma sensação boa, por ter sido achada bonita.

Ouçó o sinal tocar no corredor. Não tenho muito tempo para chegar ao laboratório. Na verdade, cinco minutos. Depois disso, a porta será fechada e ninguém mais entrará. Para quem fica de fora: coordenação! Já estou saindo do banheiro quando vejo, de relance, algo escrito na parede de um dos boxes. Me aproximo para ver melhor. A frase foi escrita com uma caligrafia estilizada que eu adoraria saber fazer:

“Quando **GRITAR** não adianta,

sussurra!

E todos te

ouvirão...”

E, logo abaixo, vejo uma sigla que não me diz muita coisa: TW6.

Com o braço já esticado, me aproximo até a ponta do meu indicador encostar na pichação. Não sei por que, mas faço isso com cuidado, como se temesse levar um choque ou algo assim. Não fico surpresa ao constatar que a tinta ainda esta úmida.

“Ah, garoto...”

\* \* \* \* \*

## II – Princesa solitária procura...

Dia corrido. Mal cheguei da escola e já tenho de sair da minha casa às pressas. Almocei só o suficiente para provocar um sorriso na minha mãe. Agora, pedir licença e me livrar discretamente desse “peso” indigesto. Preciso emagrecer pelo menos mais cinco quilos!

Me despeço do Matisse com um cafuné apressado. Ele ronrona sem nem me olhar. Hora de voar para aula de inglês no centro. Espero que hoje não seja *cooking experience*.

No ônibus, faço no colo os deveres que deixei de entregar na aula passada. A professora tem cara de coitadinha, só por isso não digo a ela que aprendo mais vendo minhas séries prediletas do que nessas aulas infantis.

A aula de inglês foi um saco. Estou zanzando sozinha no shopping. Próximo compromisso: aula de jazz! Mas antes quero encontrar um vestido novo que encasquetei de comprar. Só que tem de ser exatamente como o que vi num blog de moda. Inspeciono metodicamente as centenas de vitrinas de cada um dos andares. Subi e descí tantas vezes a escada rolante que o segurança acaba de me cumprimentar, primeiro com um sorriso, depois, acenando, como se já fôssemos íntimos. Abano de volta.

“Achei!”, avisto de longe, numa das lojas mais caras do shopping. Corro para a vitrina que exhibe um vestido bem parecido com o que eu quero. Ele veste uma mulher sem cabeça, ladeada por outras duas descabeçadas. “Menina, você vai arrasar!”, digo em pensamento, já me imaginando dentro dele.

“Puts, tudo isso?”, avalio o preço na etiqueta presa com alfinete. “É quase o valor total que eu pedi à minha mãe para comprar o vestido, mais um tênis e uma calça.” Se antes a questão era de somatória, agora, virou múltipla escolha, tipo, assinale a opção desejada, ainda que não seja a correta. “E a resposta é “A”: vestido sexy”, decreto. Conto novamente as notas de cem na carteira, respiro fundo e entro na loja, já apontando para meu objeto do desejo.

Minutos depois, no provador, de frente para o espelho, tento animar-me, ainda que o resultado esteja longe do desejado. Insisto. Viro para um lado, em seguida para o outro. Faço um biquinho. Depois, de costas, torço o pescoço para continuar me analisando. Se na top model o vestido atraía olhares e provocava suspiros, em mim não ficou sequer “charmosinho”, muito menos “arrasador”, como eu esperava. A magia do vestido não está funcionando. Meus peitos – seios, como minha mãe insiste em me corrigir – precisariam ter o dobro do tamanho, e minha cintura, a metade da circunferência.

– Esse vestido foi feito pra você. – A vendedora tenta me convencer, com um sorriso tão artificial quanto seu nariz arrebitado. Seus dentes são incrivelmente brancos e isso me incomoda. Ela é bonita de um jeito irritante: bronzeado de quem está de férias, barriga negativa e menos de

“não sei quanto por cento de gordura”, o que só aumenta meu mau humor. Penso em mandá-la buscar outra peça, só para ter alguns segundos sozinha. Nada ficará bem em mim enquanto eu estiver ao lado dela.

Dou um passo atrás e olho uma vez mais meu reflexo. Agora é oficial: Odeio esse vestido! Uma vontade incontrolável de rir me invade. Imagino que um guarda-sol se fechou sobre mim, deixando só minhas pernas e cabeça de fora. É essa a imagem que eu enxergo no espelho. A vendedora, vendo-me sorrir, também abre um sorriso, achando que fechou a venda. E então, decerto imaginando a comissão que receberá, decreta, como se fôssemos velhas amigas:

– Demais, né?! Os gatinhos não vão resistir.

Olho para ela de alto a baixo e conto até dez para ver se passa a vontade de assassiná-la. Não passa, mas prefiro só sair, sem levar nada. Para vendedoras de shopping, isso é pior que a morte. Ao atravessar a porta da loja, ainda ouço uma voz, que vai ficando cada vez mais distante à medida que me afasto, me chamar:

– Já sei! Quem sabe uma batinha curta? Tenho uma que é a sua cara.

Na aula de jazz o professor me elogia. Diz, pela centésima vez, que a minha elasticidade é incrível e que levo muito jeito para a dança e tal. Mas, se antes essa avaliação me enchia de orgulho, agora virou um tormento, pois ele passou a exigir mais de mim do que das outras meninas.

A aula passa voando e já está na hora de voltar para casa. Tomo um banho apressado e corro para o ponto de ônibus. Falta pouco para a noite se instalar e a temperatura caiu um pouco, o que é um alívio. Apesar de ser outono, tem feito alguns dias bem quentes, intercalados por uns poucos dias gelados. Hoje, está terrivelmente abafado.

Consigo um lugar sentada no ônibus. E, bingo! junto à janela. É hora do rush, todos só pensam em chegar logo aos seus desitnos, o que faz com que qualquer espaço seja disputado a empurrões. Apesar de andar de "busão" não ser cômodo como voltar com o motorista do meu pai, prefiro mil vezes essa sensação de liberdade a ver a cidade passando pela janela do banco de trás de um Mercedes. O carro do meu pai é silencioso como um túmulo, ainda que lá fora a cidade esteja gritando. E me falta oxigênio quando sinto o ar-condicionado irritantemente agradável, ainda que o mundo esteja suado e se abanando. Quando tenho uma crise, minha mãe diz que é *asma*, mas eu acho que é tédio ou medo de não pertencer a este mundo. Então, andar a pé pela cidade foi a maneira que encontrei para me sentir viva. Às vezes, até esbarro em alguém de propósito. Evidentemente não foi nada fácil convencer meus pais a me deixarem circular de ônibus como uma reles mortal, principalmente minha mãe, que acha que a cidade pode devorar sua filhinha a qualquer momento.

A noite já não é uma promessa e as primeiras estrelas surgem no céu. O ônibus encosta no meio-fio para que mais pessoas entrem, embora já esteja superlotado. Um rapaz se desequilibra

com a freada e solta um palavrão. Agradeço secretamente estar sentada, pois é tanta gente amontoadada em pé, que até parecem blocos de Lego encaixados. Pego minha mochila do chão e a coloco no colo, com receio de que deslize por baixo dos bancos na próxima freada.

Entediada, desligo-me da discussão do casal sentado atrás de mim e passo a observar, com a cabeça apoiada na janela, o caminhar apressado das pessoas na calçada. Meu olhar segue até a esquina. Foi então que o vi. Mesmo de longe, reconheço a vasta cabeleira cor de mel, cujo penteado, ou ausência dele, faz parecer que sua cabeça dispara labaredas de cabelo em todas as direções. É o “babaca” da minha sala que ousou criticar meu desenho. Segundo a Rafa, ele se chama Cauê e foi expulso da escola anterior. O motivo, ninguém sabe. Como eu havia perdido a primeira semana de aula, por estar na Europa com meus pais, não tinha ficado sabendo do babado que a Rafa me contou esta manhã, ao me ver aos gritos, tentando tirar satisfações com o tal moleque. Ela me contou que alguns meninos haviam zombado, sem trégua, do seu jeito de se vestir. E que ele tinha aturado tudo calado, até que, no intervalo do terceiro ou quarto dia, Cauê perguntou quem era o aluno mais brigão e temido do colégio. No recreio, foi até o dito cujo e iniciou uma briga por nada, na frente de todos. No começo, ele apanhou muito. O outro era da turma do último ano, bem mais velho, maior e mais forte. O grandão derrubou Cauê sem dificuldade e o esmurrou seguidamente, para diversão da plateia, que aplaudia e assobiava sem dó. Porém, de tanto o grandão bater, suas mãos se tornaram se feriram e seus golpes tinham cada vez menos intensidade. Foi aí que Cauê virou o jogo: num gesto rápido e inesperado, fez um rolamento e conseguiu sentar sobre o peito do oponente. A Rafa disse que ele o surrou até que pedisse clemência, feito suficiente para comprar sua paz no colégio, pois quem não presenciou a cena, soube da façanha pelos outros. Desde então, ninguém se mete com ele. E, verdade seja dita, ele também não incomoda ninguém. Bom, isso explica por que a maioria dos garotos evita até olhá-lo diretamente.

Observo Cauê através do vidro. Segundos que levam horas. Cauê está encostado a um poste, comendo biscoitos. Ele checa as horas no pulso com aparente impaciência. Olha para um lado e outro, desconfiado. Ao seu lado, no chão, uma mochila de lona. É a primeira vez que eu realmente presto atenção a esse garoto. Talvez eu esteja dedicando mais atenção a ele, neste breve instante, do que em todo o semestre passado.

Um mendigo o cumprimenta de longe de uma maneira que só velhos amigos o fazem. Ele atira o que resta do pacote de biscoito ao sujeito, que o segura no ar. Depois, é a vez de um ambulante passar por ele e trocar acenos. Curto a sensação de observar sem ser notada, como quem espia pelo buraco da fechadura. Ele descobriu um segredo meu, e algo me diz que agora é minha vez.

Uma sirene de polícia surge distante, quebrando a rotina. Os carros abrem caminho até formarem um corredor livre. O ônibus, que já retomava seu curso, freia bruscamente, dando

passagem à viatura. Ouço um xingamento. Alguém reclamando da freada, mas nem me viro para identificar o autor. Estou concentrada no Cauê, que em vez de esticar o pescoço para saber do que se trata, como todos que ali estão, fica nervoso com a sirene e imediatamente se agacha. Com o rosto virado para o chão, finge amarrar o tênis e assim fica até a sirene se tornar um chiado distante.

Sem pensar direito no que estou fazendo, levanto-me e toco a sineta para descer. Ouço o resmungo do motorista, irritado pelo aviso tardio. Peço licença a alguns passageiros, outros simplesmente afasto com a mão. Desço do ônibus sem saber bem o que pretendo fazer em seguida.

Assim que o ônibus parte, localizo meu alvo. Ele fala com três garotos que chegaram dando-lhe soquinhos leves e efusivos apertos de mão. Mais garotos se aproximam. E também uma menina. Aparentam não mais do que dezesseis ou dezessete anos. Um deles está numa cadeira de rodas elétrica e, como os demais, também carrega uma mochila pendurada no encosto. O grupo se fecha numa rodinha em torno do Cauê, que abre a mochila e vai retirando algo repetidas vezes e distribuindo aos demais. Imediatamente, eles guardam o que recebem em suas mochilas. Tudo acontece tão rápido e eles estão tão próximos uns dos outros, que não consigo descobrir do que se trata.. “Seriam armas?”, desconfio. “Ou drogas?!”, suponho, com um frio na barriga.

Cauê faz um sinal, convocando-os, e parte com a mochila às costas. Todos o seguem prontamente. Em nada ele lembra o rapaz introspectivo que mal abre a boca em sala de aula. Como um típico grupo de adolescentes, caminham rindo, empurrando-se e provocando uns aos outros.

Mais de uma vez um deles olha para trás, exigindo que eu me esconda atrás de um carro estacionado ou apenas me misture aos pedestres. A caminhada é longa. Sigo-os de longe por dezenas de quarteirões. Cauê é bem popular, não só com sua turma, mas, também, com a gente simples da cidade. Ou, como diria minha mãe, com a “gente menos letrada”. Por onde ele passa, não há um morador de rua, pedinte, ambulante ou guardador de carro que não o reconheça. Todos fazem questão de cumprimentá-lo. Foi então que todo o grupo entrou num velho sobrado abandonado, sumindo da minha vista.

“Ferrou! E agora?”, eu penso.

Ando em círculos, argumento comigo mesma se já não é hora de voltar para casa. Um anjinho prudente sopra no meu ouvido que minha mãe ficará preocupada com o atraso e que, seja lá o que aqueles delinquentes estejam tramando, cheira a encrenca. Porém, de outro lado, há um diabindo, mais persuasivo, dizendo: “Eles são só garotos... e você não veio até aqui para voltar, não é mesmo?”

Eu, que vivo afirmando não conseguir resistir ao desafio quando alguém me diz: duvido! agora tenho a chance de provar a mim mesma que sou realmente corajosa. "Então, o que está esperando?", penso, determinada.

Respiro fundo e, com passos firmes, atravesso o portão de ferro que separa o terreno do sobrado da calçada. Porém, à medida que caminho, suavizo minhas passadas. Se eu pudesse, levitava, só para não fazer barulho. Com o ar trancado nos pulmões e pisando na ponta dos pés, me esgueiro pela porta da frente, entreaberta. Apavorada, meu coração bate tão alto que eceio que ele denuncie minha presença. Pelos sons das risadas e das brincadeiras, percebo que estão mais ao fundo da casa. E vou me aproximando deles por um corredor que dá acesso a vários cômodos.

Cauê e os outros estão reunidos onde um dia já foi uma sala de estar. A bagunça lá é grande, típica de lugar abandonado. Trabalhando em mutirão, os garotos livram as paredes de qualquer coisa que ainda esteja pendurada nelas. Tão entretidos estão que eu poderia até assobiar e ainda assim não notariam minha presença. Mas o medo fala mais alto e eu me escondo ainda mais, com receio do que fariam comigo se me descobrissem.

– Essa é minha – Cauê anuncia, apontando para a maior parede de todas. Parece querer abraçá-la.

– Então, eu fico com esta – diz o magrelo, ajeitando os óculos redondos no nariz ao mesmo tempo que tira algumas latas de spray da mochila e as deposita cuidadosamente no chão. O gesto é repetido pelos outros, cada um em frente a uma parede, organizando seu material: uns, enfileirando-os por tons, do mais claro ao mais escuro. Outros, numa lógica que não consigo decifrar. Quem sabe pela sequência que os usarão, sinal de que o desenho já estaria pronto na cabeça de cada um.

– Isso tá muito quieto – reclama o garoto na cadeira de rodas. Ele abaixa a lata de spray e interrompe aquele que seria seu primeiro jato de tinta na parede branca.

– Pô, dá pra escutar a respiração de vocês. Assim não consigo me concentrar – ele diz.  
Instintivamente tranco a respiração.

O garoto se curva e liga o aparelho de som fixado logo abaixo do assento. Espero por um hip hop ou techno. Ou, ainda, um heavy metal bem hard que faria vibrar as paredes da casa. Mas, para minha surpresa, a escolha passa longe disso. Depois que ele apertou o play, de mansinho, surge o som de uma flauta solitária, num ritmo entre o marcial e o clássico. Os garotos aprovam a escolha.

A melodia é curta e se repete cada vez com mais vigor. Novos instrumentos surgem, e depois outros e mais outros... cada vez mais alto. É uma sensação quase apoteótica.

– Yeeees – Cauê grita –, mandou bem, cara – continua, batendo uma lata na outra, como pratos de uma sinfônica. No outro canto da sala, outro garoto faz com que a bolinha dentro da lata, à medida que mistura a tinta, pulse no mesmo compasso da música.

Cauê dá dois passos para trás, para avaliar sua "tela de pintura" ainda virgem. Depois, ainda movendo-se na cadência da música, aproxima-se num rompante e aperta o spray. Dançando sozinho, ele risca o espaço de ponta a ponta com um traço firme. E depois outro e mais outro.

Cada garoto, em seu mundo particular, se ocupa de sua própria produção. Não estão sozinhos na sala, mas é como se estivessem. Só a música a uni-los. Fico em dúvida se a melodia os está guiando ou o contrário.

A música é contagiante. "Eu já ouvi isso antes", penso, puxando pela memória. Começo a regê-la como um maestro, mexendo involuntariamente as mãos num movimento de ondas, para a esquerda e para a direita, só que minhas baquetas são imaginárias. "Já sei, claro... é o Bolero de Ravel!", lembro. Já dancei "isso" numa apresentação de jazz.

A melodia finda e recomeça uma vez mais, porém com outro instrumento solando, talvez um trompete. Ouço ao fundo o sacudir de latas e o chiado de tinta sendo libertada e transformada em retas, curvas e pontos. No lugar antes vazio, surgem formas, letras, sombras e contornos.

De longe, tento adivinhar as imagens. Desenhos gigantescos e multicoloridos vão lentamente se formando. Saltando das paredes... adquirindo vida! Eu nem pisco. Fico hipnotizada, vendo-os trabalhar. Cauê parece ser o mais experiente. Vez ou outra, ao olhar de relance a produção de alguém, elogia algum detalhe ou, ao contrário, faz recomendações em frases curtas:

- Ajeita essa sombra.
- Reforça a borda.
- Põe mais uma camada de tinta ali, ó.

Não há disputa nem competição. Quando um deles precisa de uma cor diferente, basta pedir e alguém joga uma lata em sua direção. A lata é apanhada no ar sem um agradecimento sequer. Não é necessário. São amigos e estão concentrados demais para formalidades.

O Bolero de Ravel finalmente acaba. Os últimos jatos de tinta são dados em pequenos arremates. O que de início me pareceu vários desenhos isolados, agora compõe uma única obra que preenche todo o cômodo.

É hora de partir ou serei descoberta.

Já estou na porta, andando na ponta dos pés, quando ouço a voz do Cauê dizer que ainda falta algo. Volto correndo, a tempo de vê-lo assinar o trabalho: TW6.

Saio dali borbulhando de emoções. Sinalizo para um taxi e imploro ao motorista que faça o trajeto mais curto até minha casa.

– Pode correr – digo. "Se possível, que seja tão rápido que o tempo volte atrás para eu chegar no horário que minha mãe estabeleceu, três horas atrás", penso.

O trânsito está calmo; ainda assim, o táxi se arrasta pelas ruas vazias. Trabalhadores e estudantes já devem estar em suas casas. Eles não ficarão de castigo. A música ainda toca na



minha cabeça. Eu nem preciso fechar os olhos para rever todos aqueles desenhos diante de mim. Eles se misturam com a cidade que passa pela janela. Na minha cabeça, duas certezas: a primeira é que estou ferrada pelo mega-atraso. A outra, é que tenho de falar com aquele garoto. Ainda que o odeie, preciso arrumar um jeito de convencê-lo a me ensinar tudo o que sabe.

\* \* \* \* \*